

## **Resenha da obra *Introdução à biopolítica de Michel Foucault e seus desdobramentos na contemporaneidade*, de Mozart Linhares da Silva**

Review of the work *Introduction to Michel Foucault's Biopolitics and its Contemporary Developments* by Mozart Linhares da Silva

Laura Colli Gon<sup>1</sup>  
Universidade de Franca - UNIFRAN  
laucgon@gmail.com

### TEXTO RESENHADO

SILVA, Mozart Linhares da. **Introdução à biopolítica de Michel Foucault e seus desdobramentos na contemporaneidade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela Universidade de Franca (2026), possui graduação em Licenciatura em Letras – Português/Espanhol pela Universidade Federal de São Carlos (2009), graduação em Licenciatura em Letras – Inglês pela Universidade de Franca (2012), Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Federal de São Carlos (2012) e MBA em Gestão Estratégica de Empresas pela Faculdade de Campinas (2018). Atua na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso, desenvolvendo pesquisas principalmente sobre mídias sociais, monogamia, relações de poder, textos multimodais, discurso político, discurso televisivo e infotainment.

## **Prólogo: O manual de operações do horror contemporâneo**

Uma criança palestina morre sob bombardeios israelenses. Um jovem negro é executado pela polícia nas periferias brasileiras. Milhares de brasileiros morrem desnecessariamente na pandemia por políticas negacionistas. Três vinhetas contemporâneas que, à primeira vista desconexas, revelam uma mesma lógica turva: a gestão política de quem pode viver e quem deve morrer.

Como decifrar essa gramática macabra que governa nosso presente? Como compreender por que, numa época que se proclama a mais humanitária da história, presenciamos formas de violência sistemática que fariam corar os tiranos antigos? Mozart Linhares da Silva nos oferece, em *Introdução à biopolítica de Michel Foucault e seus desdobramentos na contemporaneidade* (Silva, 2024), não apenas as chaves para essa decifração, mas algo mais urgente: um mapa para navegar pelos labirintos do poder que nos cerca.

Este não é um livro qualquer sobre Foucault. Como nos adverte Kamila Lockmann (2024) no prefácio, trata-se de um convite ao "pensamento perigoso" – perigoso uma vez que destrói nossas ilusões sobre a natureza benigna do poder moderno, obrigando-nos a ver o que preferíamos ignorar, retirando o chão firme das certezas democráticas liberais.

Consideremos um momento esta advertência: o que a obra está descrevendo não é história antiga. É o manual de operações do presente.

## **Arqueologia do panóptico: quando a vigilância se torna invisível**

Era uma vez um suplício. Em 1757, Robert-François Damiens era esquartejado em praça pública por tentar assassinar o rei. Multidões se comprimiam para ver o espetáculo sangrento, em que o poder soberano atualizava sua magnificência por meio da destruição meticulosa de um corpo rebelde.

Apenas três décadas depois, outro homem criava o projeto arquitetônico que mudaria para sempre a face do controle social: Jeremy Bentham e seu Panóptico. Entre o cadafalso de Damiens e a torre de vigilância de Bentham nasce, segundo a análise apresentada, a modernidade.

É quase irônico que Bentham, o utilitarista obcecado com a felicidade humana, tenha criado o modelo arquitetônico que melhor simboliza o pesadelo do controle moderno. Contudo,

talvez não seja coincidência: há algo no projeto iluminista de aperfeiçoamento humano que carrega em si as sementes de sua própria distopia.

Uma escolha corajosa é feita aqui. Em vez de se perder nas sutilezas acadêmicas que tanto fascinam (e paralisam) os especialistas, privilegia-se a clareza incômoda. E incomoda mesmo. As análises nos obrigam a enxergar o que preferíamos ignorar: que a disciplina moderna não nos liberta da opressão – ela a aperfeiçoa.

Diferentemente da abordagem sistemática de Maria do Rosário Gregolin (2004) sobre arqueogenealogia, que enfatiza o rigor metodológico da formação discursiva em seus estudos sobre Foucault e análise do discurso, opta-se aqui por uma apresentação que privilegia o impacto conceitual sobre a precisão técnica. É uma aposta arriscada que funciona: torna a análise acessível sem vulgarizá-la.

O Panóptico, nas mãos do pesquisador, deixa de ser uma curiosidade histórica para se revelar como a matriz de nosso presente. O que é um smartphone senão um panóptico portátil? O que são as redes sociais senão torres de vigilância em que nós mesmos funcionamos como guardas e prisioneiros simultaneamente?

Três séculos depois, Bentham finalmente ganhou: todos carregamos nosso próprio panóptico no bolso. O smartphone como torre de vigilância portátil. O aplicativo como carcereiro digital. A diferença é que agora pagamos pela nossa própria prisão – e ainda achamos que é liberdade.

### **A descoberta inquietante: quando o poder se apaixona pela vida**

Todavia, se o Panóptico nos parecia desconcertante, Foucault nos reservava descobertas ainda mais desestabilizadoras. O que acontece quando o poder deixa de se interessar apenas por corpos individuais e volta seus cálculos para a vida inteira de populações?

A obra nos conduz então ao coração de sua investigação: a biopolítica. Aqui reside a genialidade turva da modernidade: ela descobriu que é mais eficiente fazer viver do que fazer morrer, mais produtivo curar do que castigar, mais rentável otimizar do que destruir.

Como um parasita astuto, o biopoder não destrói seu hospedeiro de uma vez. Infecta-o lentamente, transformando cada célula social em material genético do mercado, até que o organismo coletivo não consiga mais distinguir entre vida pública e economia privada.

O exemplo da varíola, mobilizado na investigação, é magistral em sua simplicidade reveladora. Em vez de combater a doença pessoa por pessoa, como faziam os médicos

medievais, a biopolítica moderna aprende a pensar estatisticamente: aceita que alguns morram para que a população como um todo seja mais saudável. É a lógica do "dano colateral" aplicada à medicina social.

Uma população inteira sendo considerada como capital humano. Cada pessoa é reduzida a informações biométricas registradas digitalmente. Conectando os pontos: fica claro como o macro e o micro se nutrem reciprocamente nessa engrenagem de gerenciamento da vida.

Entretanto, havia algo ainda mais perturbador nos aguardando. O que ocorre quando essa mesma abordagem "humanitária" se depara com o neoliberalismo?

### **O laboratório neoliberal: transformando humanos em capital**

Aqui se revela a cartada mais forte: o neoliberalismo não é apenas um sistema econômico – é uma forma de vida. Uma racionalidade que infecta cada gesto, cada pensamento, cada respiração da existência social.

Enquanto Alfredo Veiga-Neto (2013) analisa especificamente como a educação produz sujeitos empresariais na governamentalidade neoliberal, conforme o trabalho revela em seus diálogos teóricos, oferece-se aqui um panorama mais amplo dessa transformação antropológica. O homo economicus não é apenas uma teoria – é você acordando de manhã e se perguntando como pode se "otimizar" para o dia que vem.

A governamentalidade neoliberal funciona como um sistema operacional invisível: você não vê, mas determina como todos os outros programas funcionam. Ensina-se a ver esse código oculto.

Eis o paradoxo diabólico do neoliberalismo: quanto mais livres nos sentimos, mais governados somos. Quanto mais escolhas temos, menos autonomia possuímos. Quanto mais eficientes ficamos, mais dispensáveis nos tornamos.

O sujeito neoliberal é uma criatura fascinante e alarmante: ele se responsabiliza por seu próprio sucesso, se culpa por seu próprio fracasso e se otimiza para sua própria exploração. É o trabalhador que faz hora extra "por escolha própria", o desempregado que "não se qualificou o suficiente", o doente que "não cuidou da própria saúde".

A análise (Silva, 2024) revela como essa subjetividade não brota espontaneamente: ela é produzida por dispositivos sofisticados que operam na educação, na mídia, nas políticas públicas, na linguagem cotidiana. Cada "seja protagonista da sua história" é uma injeção de responsabilização individual. Cada "meritocracia" é uma dose de culpabilização sistêmica.

Enquanto se lê estas linhas, algoritmos calculam sua propensão ao consumo, drones militares decidem quem é "eliminável", e políticos vendem seus votos como quem negocia ações na bolsa. A biopolítica não é teoria – é a realidade que nos cerca.

### **A sombra da raça: quando a vida se torna matável**

Caso você tenha achado desestabilizador o que acabamos de ver sobre o neoliberalismo, prepare-se. O autor está apenas aquecendo os motores. O que vem a seguir é uma viagem ao núcleo radioativo do poder moderno.

Há um segredo sujo na biopolítica liberal: ela nunca foi universal. Desde o início, a gestão "humanitária" da vida implicou decidir quais vidas merecem ser vividas e quais podem ser descartadas. Ademais, essa decisão tem nome e sobrenome: racismo de Estado.

Somos forçados a encarar uma verdade incômoda: o racismo não é um desvio da modernidade, é sua condição de funcionamento. Como escreve o próprio autor (Silva, 2024), citando Foucault (2002, p. 304): "quase não há funcionamento moderno do Estado que, em certo momento, em certo limite e em certas condições, não passe pelo racismo".

A eugenia emerge então não como aberração nazista, mas como lógica interna da biopolítica moderna. Das teorias de Galton às possibilidades da engenharia genética contemporânea, constrói-se uma genealogia alarmante que conecta o passado colonial ao presente biotecnológico.

É na análise da "nova-genia" que o trabalho realmente brilha. Na medida em que, no neoliberalismo, ninguém mais é obrigado a ser eugênico – você escolhe "livremente" otimizar seu capital genético. É a eugenia de livre mercado: você não é coagido a melhorar sua raça, apenas incentivado a maximizar suas "potencialidades biológicas".

O aconselhamento genético vira self-help molecular. O designer baby vira expressão de liberdade parental. A seleção artificial vira escolha do consumidor. Assim a eugenia se torna palatável para consciências democráticas.

Consideremos um momento para digerir isso: estamos falando de um mundo em que você pode escolher o DNA do seu filho como quem escolhe opcionais num carro. Onde sua propensão genética a doenças pode determinar seu acesso a emprego e seguro de vida. Onde a "purificação" da espécie acontece por meio de decisões individuais de consumo.

O trabalho evidencia que chegamos a um ponto em que a eugenia não precisa mais de Estado autoritário para funcionar – ela opera por meio da sedução do mercado.

## **Necropolítica: O laboratório colonial da morte**

Havia algo que nem Foucault conseguiu antever completamente. Algo que só se revelaria plenamente nas primeiras décadas do século XXI, e que Achille Mbembe conseguiu nomear com precisão cirúrgica: a necropolítica.

A investigação nos guia por meio dessa descoberta provocativa: que a biopolítica sempre teve um irmão gêmeo mais obscuro. Se a biopolítica decide quem deve viver, a necropolítica determina quem pode morrer. Ademais, o laboratório dessa tecnologia de morte não foi a Europa civilizada – foi o mundo colonial.

A plantation escravista emerge aqui não como sistema econômico obsoleto, mas como paradigma da modernidade. O escravo como protótipo da "vida nua": aquele que pode ser morto sem que se cometa assassinato, aquele cuja existência não conta como vida humana plena.

Abordando Gaza, favelas brasileiras, campos de refugiados e fronteiras militarizadas, a obra evidencia que esses espaços não são exceções ao Estado de direito – são seus laboratórios de experimentação necropolítica.

O conceito de Giorgio Agamben (2002) sobre o homo sacer ganha aqui uma tradução visceral: o palestino que pode ser bombardeado, o jovem negro que pode ser executado, o migrante que pode ser deixado para morrer no deserto. Vidas que não merecem luto, mortes que não merecem investigação.

A descoberta mais inquietante: a necropolítica não é exercida apenas sobre "outros" distantes. Na lógica neoliberal, qualquer um pode ser jogado na zona da vida nua. O desempregado que "não se adaptou", o idoso que "custa muito ao sistema", o doente mental que "não tem produtividade".

A Covid-19 revelou isso de forma cristalina: a defesa da "imunidade de rebanho" não foi apenas incompetência técnica, foi necropolítica aplicada. A disposição de deixar morrer os "mais fracos" para manter a economia funcionando e a transformação de vidas humanas em "danos colaterais aceitáveis".

O estudo documenta como o governo Bolsonaro operou essa lógica letal: não se tratava de negar a ciência por ignorância, mas de aplicar um cálculo necropolítico que considerava certas mortes "necessárias" para a manutenção do sistema.

## **O fascismo que vem: quando neoliberalismo e autoritarismo se abraçam**

Chegamos então ao presente mais urgente: como entender que democracias liberais estejam parindo movimentos neofascistas? Como explicar que o neoliberalismo, que se vendia como defensor da liberdade, esteja produzindo lideranças autoritárias?

Aqui o autor (Silva, 2024) encontra uma interlocutora poderosa em Wendy Brown (2015). Em suas análises, Silva demonstra como Brown argumenta que a racionalidade neoliberal "desfaz" os elementos constitutivos da democracia ao transpor tudo para um registro econômico. Na perspectiva apresentada (Silva, 2024), essa desintegração democrática assume características particulares relacionadas ao passado colonial e escravista no contexto brasileiro e latino-americano. O fascismo tropical não é cópia malfeita do europeu – é produto original da nossa necropolítica histórica encontrando a racionalidade neoliberal.

O resultado? Uma forma de governo que combina eficiência de mercado com brutalidade autoritária. Que privatiza lucros e socializa violência. Que transforma cidadãos em consumidores e inimigos políticos em "terroristas".

Foucault (2002) nos mostra a face sedutora do poder moderno: ele não nos esmaga, nos abraça. Não nos destrói, nos aperfeiçoa. Não nos mata, nos otimiza. Por sua vez, é exatamente por isso que é mais perigoso que qualquer tirania antiga.

A gramática do sofrimento psíquico neoliberal – conceito mobilizado para explicar os processos subjetivos contemporâneos – prepara o terreno para a captura fascista das frustrações individuais. O sujeito hiper-responsabilizado que falha no jogo meritocrático vira presa vulnerável para discursos que prometem restaurar sua dignidade por meio da eliminação do "outro".

Trump, Bolsonaro, Modi, Erdogan, Netanyahu: a análise revela que não são aberrações, mas produtos lógicos de um sistema que transformou política em negócio e cidadãos em capital humano descartável.

## **Contribuições para a arqueogenealogia brasileira**

Do ponto de vista metodológico, Mozart Linhares (Silva, 2024) oferece algo valioso ao campo da análise do discurso foucaultiana no Brasil: uma demonstração de como operacionalizar conceitos complexos sem academicismo estéril.

Diferentemente dos trabalhos mais técnicos de Gregolin (2004) sobre procedimentos arqueogenealógicos, a abordagem aqui mostra como aplicar a caixa de ferramentas foucaultiana a objetos políticos urgentes. As análises de discursos sobre meritocracia, segurança pública e gestão pandêmica oferecem exemplos concretos de como fazer genealogia do presente.

A articulação que se estabelece entre biopolítica e necropolítica abre possibilidades analíticas importantes para estudos sobre discursos racializados e práticas de exclusão que atravessam a formação social brasileira.

Sua abordagem sugere caminhos promissores para futuras pesquisas: análises arqueogenealógicas de discursos sobre encarceramento em massa, militarização da segurança pública, políticas de drogas, gestão de populações periféricas – áreas em que a articulação entre fazer viver e deixar morrer se manifesta de forma evidente.

### **Limites e potencialidades da empreitada.**

Como toda obra introdutória, esta também tem suas limitações. A análise do neoliberalismo, embora competente, poderia se beneficiar de um diálogo mais aprofundado com a literatura econômica contemporânea. Alguns conceitos-chave, como "dispositivo" e "subjativação", poderiam ser explicitados com maior profundidade metodológica.

A discussão sobre resistência e contracondutas, embora presente, ocupa um espaço relativamente pequeno. Considerando a relevância do tema para a perspectiva foucaultiana, uma análise mais detalhada das possibilidades de resistência aos dispositivos biopolíticos seria bem-vinda.

Do ponto de vista da análise do discurso, seria oportuno uma explicação mais detalhada sobre como operacionalizar os conceitos apresentados em análises concretas de materialidades discursivas específicas.

Não obstante, esses são limites compreensíveis numa obra que se propõe introdutória e que cumpre brilhantemente sua função: abrir caminhos, provocar questões, instrumentalizar leitores para aventuras intelectuais mais específicas.

## **Para onde vamos? Cartografias do futuro**

A investigação termina sem falsas esperanças, mas também sem desespero paralisante. Sua análise sugere que compreender os mecanismos da biopolítica é condição necessária – embora não suficiente – para imaginar formas de resistência.

O livro abre várias direções para futuras pesquisas: análises de discursos digitais e vigilância algorítmica, estudos sobre biotecnologias e novas formas de eugenia, investigações sobre como discursos neoliberais se articulam com práticas neofascistas em diferentes contextos nacionais.

Mais importante: oferece instrumentos conceituais para compreender fenômenos que nos cercam – da gamificação do trabalho à militarização da vida urbana, da medicalização da educação à financeirização da existência.

## **Epílogo: Um farol para tempos tenebrosos**

"Introdução à biopolítica de Michel Foucault e seus desdobramentos na contemporaneidade" é muito mais que uma introdução didática a conceitos filosóficos complexos. É um mapa de navegação para quem se recusa a aceitar que "sempre foi assim" e "sempre será assim".

O pesquisador nos oferece algo raro na academia brasileira: rigor conceitual combinado com urgência política, profundidade analítica articulada com clareza expositiva, erudição teórica a serviço da compreensão do presente.

Em tempos em que a manipulação se sofisticava e a dominação se disfarçava de liberdade, obras como esta se tornam instrumentos de resistência intelectual. Mozart Linhares nos convida a pensar perigosamente, a questionar verdades estabelecidas, a perceber as relações de poder que moldam nossas vidas cotidianas.

Ao final da leitura, o leitor se encontra equipado não apenas com um repertório conceitual sofisticado, mas com uma nova sensibilidade para perceber as sutilezas do poder que opera em nossas sociedades. Como advertia Foucault, e a obra nos lembra, estudar estes mecanismos não nos deixa ilesos – somos transformados pelo próprio ato de conhecer.

Este é, portanto, um livro para nosso tempo obscuro – um farol conceitual que nos ajuda a navegar pela complexidade do presente sem perder a esperança na possibilidade de transformação. Uma vez que compreender a máquina é o primeiro passo para desativá-la.

Talvez, no final das contas, seja exatamente isso que precisamos: não de mais uma teoria acadêmica, mas de um manual de sobrevivência para tempos fascistas. Este trabalho nos oferece exatamente isso – com a elegância conceitual e a urgência política que o momento exige.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

BROWN, Wendy. **Undoing the Demos**: Neoliberalism's Stealth Revolution. New York: Zone Books, 2015. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctt17kk9p8>

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso dado no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004.

LOCKMANN, Kamila. Prefácio. In: SILVA, M. L. **Introdução à biopolítica de Michel Foucault e seus desdobramentos na contemporaneidade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 11-18.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SILVA, Mozart Linhares da. **Introdução à biopolítica de Michel Foucault e seus desdobramentos na contemporaneidade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

VEIGA-NETO, Alfredo. Governamentalidades, neoliberalismo e educação. In: CASTELO BRANCO, G.; VEIGA-NETO, A. (Org.). **Foucault: filosofia & política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 37-52.

Recebido em: 23 de junho de 2025

Aceito em: 30 de outubro de 2025